

Desempenho é melhor no DF

KÁTIA MARSICANO
DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos:Adauto Cruz 29.7.04

A situação dos estudantes do Distrito Federal é melhor se comparada com o desempenho de alunos dos estados brasileiros. Em Língua Portuguesa, os alunos da 4ª série do ensino fundamental tiveram a melhor média de 2003: somaram 193,0 pontos, mais do que as médias de São Paulo (180,9), Rio Grande do Sul (181,2) e Rio de Janeiro (183,8), as mais elevadas do país nesse nível. Os alunos de 4ª série também se saíram melhor em Matemática. A média do DF ficou em 199,8 pontos, seguida por Minas Gerais (195,8) e Rio de Janeiro (193,0).

Já na 8ª série, o Distrito Federal perde. Em Língua Portuguesa, os brasileiros atingiram 240,0 pontos, atrás dos alunos cariocas (240,1), catarinenses (242,5) e gaúchos (246,1). Em Matemática, as maiores médias brasileiras foram do Paraná (258,2), DF (257,7) e Santa Catarina (257,3).

Também na 3ª série do ensino médio, o DF aparece em boas colocações porque entra com os dados apenas das redes pública estadual e particular. Em Língua Portuguesa, obteve no Saeb a média de desempenho de 278,0, atrás do Rio de Janeiro (279,2) e Rio Grande do Sul (285,9). E em Matemática, aparece na segunda melhor colocação (294,3). O primeiro ficou com o Rio Grande do Sul (301,7).

Comparado com o desempenho dos estudantes do resto do País, o DF aparece com vantagem na pesquisa, no que diz respeito à pontuação. É que na média nacional, o MEC leva em consideração o rendimento de alunos das escolas das redes públicas municipais, estaduais e particulares. Como por aqui não há rede municipal, os cálculos contabilizaram apenas a pontuação obtida nas redes públicas e particular de ensino.

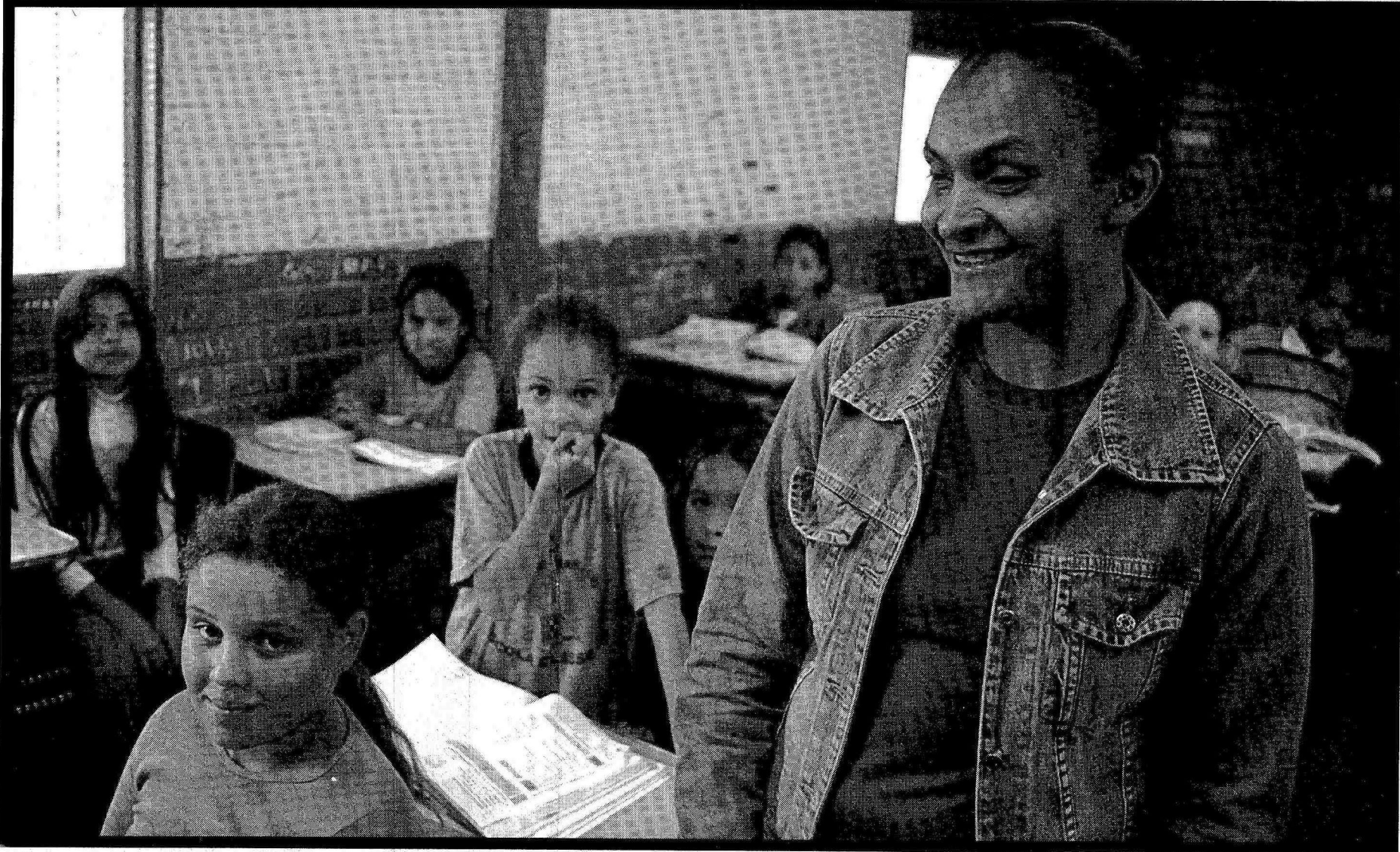
Provas regionais

A subsecretária de Educação Pública da Secretaria de Educação do DF, Eliana Ferrari, reconhece os problemas enfrentados pelos estudantes do DF, que acabaram refletindo no desempenho deles no teste do Saeb. “Não houve surpresa”, completa.

Segundo ela, o resultado insatisfatório tem origem a partir da adoção da Lei 9394/96, ou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que mudou o sentido do ensino e do aprendizado. “O aluno precisa ser trabalhado para a vida e os professores devem estar prontos para esse novo papel de orientação”, diz. “Mas, como tudo tem acontecido rápido demais, os reflexos dessa mudança nem sempre são acompanhados”.

Na opinião dela, as habilidades de raciocínio e compreensão cobradas nos testes do Saeb podem não corresponder à linguagem do dia-a-dia dos jovens. Eliana acredita que os alunos encontraram dificuldade nas provas porque as questões foram elaboradas de forma diferente da que normalmente são aplicadas na escola. “Eles até sabem fazer, só não entenderam o que foi pedido”, justifica. Os estudantes reconhecem que têm muitas idéias, mas sentem dificuldades de colocá-las no papel, pois lhes faltam expressões adequadas. O problema ocorre principalmente por falta de leitura.

De acordo com o diretor de Pesquisa da Secretaria de Educação e coordenador do Saeb no Distrito Federal, José de Arimatéia dos Santos, o fato de as provas serem iguais para todo o país pode ter contribuído para que o rendimento não fosse tão bom. “Por isso já está sendo cogitada a possibilidade de o Saeb ser feito em cada unidade da federação, a partir das características educacionais regionais”, comenta.



A PROFESSORA MARIA DA LUZ, QUE PASSA OITO HORAS POR DIA NA SALA DE AULA, ACREDITA QUE OS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA SOFREM MUITO COM A FALTA DE MATERIAL: “FAÇO O QUE POSSO”



GILVÂNIA SOARES, 13 ANOS, TEM DIFICULDADES EM MATEMÁTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, MAS RECEBE AJUDA DA IRMÃ

Acima da média do MEC

Wagner, 11 anos, João Paulo, 13, e Rafael David, 13, são alunos da turma 10 de 4ª série na Escola Classe 11, de Ceilândia. A professora é a mesma, não usam uniforme e tênis e basta conversar um pouquinho para perceber que as semelhanças entre os três são bem maiores que essas.

Apesar de não terem sido avaliados pelo Saeb, representam o perfil do estudante da rede pública que teve desempenho abaixo da média considerada adequada pela pesquisa do Ministério da Educação. Estão na fase inicial do aprendizado e, por isso, deveriam ter muito mais apoio em sua formação intelectual.

Filhos de famílias humildes, raras vezes folheiam um livro. Segundo eles, lêem, no máximo, alguns gibis tomados por empréstimo dos amigos em melhor situação. O único livro que tiveram nas mãos esse ano, *Memórias*, de Monteiro Lobato, tinha 95 páginas, e foi dado pela professora como tema de um trabalho de literatura.

“Eu não entendi muito bem a história”, reconhece Rafael, que precisou das explicações do amigo Wagner para compreender melhor o que leu. Sem jeito, ele diz que só Luciana, irmã de 20 anos que cursa a 8ª série, tem paciência de ajudá-lo nas tarefas de casa. Os meninos são filhos de empregadas domésticas. Os pais de dois deles são carpinteiros.

Para a professora das crianças, Maria da Luz dos Santos, o problema é sério. Aos 40 anos, passa oito horas diárias envolvida com a escola e com a turma de 28 alunos. Nas horas vagas do final de semana e à noite, procura fazer cursos de

atualização pedagógica. Maria tem três filhos de 6, 13 e 15 anos — todos alunos de escola pública.

“Preocupo-me muito com eles, tanto quanto com meus alunos, mas tenho procurado fazer o possível”, comenta. Uma de suas maiores dificuldades é com os alunos mais velhos da classe. Alguns deles têm 14 anos — quase cinco a mais que a maioria.

No Centro de Ensino 2, de Ceilândia Sul, a realidade dos estudantes praticamente se re-

pete: pouca leitura e rendimento pouco satisfatório. A garotada da 8ª série prefere a brincadeira aos livros — exceto quando se trata de uma obrigação escolar. “A professora mandou a gente ler *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Eu gostei porque é um triângulo amoroso”, diverte-se Aline Silva, 14 anos. “- Leio poucos livros, mas adoro a (revista feminina) *Nova*”. A maior nota que tirou esse ano em Língua Portuguesa foi 5,9.

“Meus pais são idosos e não têm muito tempo para me ajudar, mas minha irmã me cobra bastante”, conta Gylvânia Soares, 13 anos. Assim como a amiga Aline, que também lê pouco, mas, por uma questão de preferência, consegue se sair melhor em Português. Em Matemática, no entanto, só com muito esforço consegue nota maior que 5.

Graças à irmã Gilda Soares, uma pedagoga de 31 anos, Gylvânia tem que levar a escola a sério. “Apesar de não morarmos na mesma casa, faço questão de acompanhar o rendimento dela”, explica. “A escola tem deficiências que só a gente, em casa, pode ajudar a diminuir”. (KM)

“FAÇO QUESTÃO DE ACOMPANHAR O RENDIMENTO DELA. A ESCOLA TEM DEFICIÊNCIAS QUE SÓ A GENTE, EM CASA, PODE AJUDAR A DIMINUIR”

Gilda Soares, Pedagoga e irmã de aluna

BOLETIM ESCOLAR

O que melhorou e o que piorou no DF entre 1995 e 2003

	Língua Portuguesa		Matemática	
	1995	2003	1995	2003
4a. série EF	204,5	193,0	197,2	199,8
8a. série EF	273,6	240,0	275,0	257,7
3a. série EM	316,1	278,0	318,5	294,3

*) Foram considerados alunos das redes pública e privada. A série de avaliações do Saeb inclui ainda os anos de 1997, 1999 e 2001

DESEMPENHO DOS ALUNOS DO DF EM LÍNGUA PORTUGUESA (%)

	4ª série EF		8ª série EF		3ª série EM	
	2001	2003	2001	2003	2001	2003
Muito crítico	9,3	4,9	2,5	3,5	2,0	3,9
Crítico	31,0	29,7	13,9	20,4	24,7	29,3
Intermediário	52,1	55,9	68,4	63,8	64,5	56,0
Adequado	7,6	9,6	15,2	12,3	8,7	10,8

DESEMPENHO DOS ALUNOS DO DF EM MATEMÁTICA (%)

	4ª série EF		8ª série EF		3ª série EM	
	2001	2003	2001	2003	2001	2003
Muito crítico	5,2	1,6	2,4	2,2	1,6	5,9
Crítico	28,1	25,0	44,4	42,5	51,6	51,0
Intermediário	52,6	61,9	48,2	52,1	37,8	29,1
Adequado	14,1	11,5	5,0	3,1	9,0	14,0

* Escolas públicas e privadas
EF = Ensino Fundamental
EM = Ensino Médio

DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DAS REDES PÚBLICA E PRIVADA DO DF

	Língua Portuguesa		Matemática	
	Pública	Privada	Pública	Privada
4a. série EF	184,0	226,58	191,0	232,8
8a. série EF	228,5	279,5	244,8	301,9
3a. série EM	260,5	333,9	271,2	367,0

A escala de desempenho em leitura varia entre 0 e 375 pontos
A escala de desempenho em Matemática varia entre 0 e 425 pontos
Em ambos os casos, a média mínima considerada satisfatória é de 200 pontos

Fontes: MEC/Inep/Saeb